

**AUTEUR**

Everton V. Machado (Centre d'études comparatistes, Université de Lisbonne)

**TITRE**

Hyperidentité et orientalisme dans *O Murmúrio do Mundo* de Almeida Faria

**RESUME**

On peut se demander si, comme l'a dit António José Saraiva au sujet de Camões et de son épopée *Les Lusitades*, l'auteur contemporain de *O Murmúrio do Mundo* (2012) aurait vraiment eu besoin d'aller en Inde pour écrire son récit de voyage, en raison de la profusion de sources historiographiques et littéraires présents dans l'œuvre. Ici, nous nous trouvons face à la « tradition livresque » de l'attitude textuelle de l'orientalisme, cette « représentation de matériel canonique » dont a parlé Edward W. Said (*Orientalism : Western Conceptions of the Orient*, 1978) à propos des « pèlerins » anglais et français du XIX<sup>e</sup> siècle, permettant de décrire l'Orient et les orientaux comme un phénomène aux caractéristiques immuables, en net décalage avec l'Occident et les occidentaux. Mais si les représentations portugaises de l'Orient n'échappent pas aux stéréotypes de cet Autre forgés dans le fond commun de la culture européenne, son matériel canonique est d'une nature assez particulière, étant donné qu'il s'agit d'une production d'images et de conjectures indissociables de ce que le philosophe Eduardo Lourenço qualifie, tout au long de son œuvre, de « *hyperidentité portugaise*<sup>1</sup> », elle aussi, à notre sens, matérialisée par une « tradition livresque » et accréditée par l'identique *pouvoir-savoir* de la notion foucauldienne que le thème de l'orientalisme soulève. Cette « *hyperidentité* » caractériserait le Portugal « depuis au moins le XVI<sup>e</sup> siècle », pour avoir fondé sa « grandeur archétypique » dans l'auto-perception de nation « colonisatrice par excellence et dont *Les Lusitades* sont la porte et le temple tout entier de sa gloire » (« *Rapport posthume de notre colonialisme innocent I* »<sup>2</sup>, 1985). La question qui se pose, au fond, dans la présente communication est celle de savoir comment un touriste littéraire du XXI<sup>e</sup> siècle, en voyageant à travers les ruines de l'Empire Portugais en Orient, dialogue avec un univers discursif traditionnel fortement colonial.

---

<sup>1</sup> *Hiperidentidade portuguesa*

<sup>2</sup> « *Relato póstumo do nosso colonialismo inocente I* »

## Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 3 – Littérature et tourisme, représentations et productions textuelles des minorités

### AUTOR

Everton V. Machado (Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa)

### TÍTULO

Hiperidentidade e orientalismo em *O Murmúrio do Mundo* de Almeida Faria

### RESUMO

Será o caso de se perguntar se, tal como disse António José Saraiva a respeito de Camões e da sua epopeia *Os Lusíadas*, o contemporâneo autor de *O Murmúrio do Mundo* (2012) teria mesmo tido necessidade de ir à Índia para escrever o seu relato de viagem, por causa da profusão de fontes historiográficas e literárias na obra. Aqui encontramos-nos face à «tradição livresca» da atitude textual do orientalismo, esta «re-presentação de material canónico» de que Edward W. Said (*Orientalism: Western Conceptions of the Orient*, 1978) falou a propósito dos «peregrinos» ingleses e franceses do século XIX, o que permite descrever o Oriente e os orientais como um fenómeno de características regulares, num claro descompasso com o Ocidente e os ocidentais. Mas se as representações portuguesas do Oriente não escapam aos estereótipos desse Outro forjados no fundo comum da cultura europeia, o seu material canónico tem uma natureza bastante particular, já que se trata de uma produção de imagens e conjecturas indissociável daquilo que o filósofo Eduardo Lourenço chama, ao longo da sua obra, de *hiperidentidade portuguesa*, também ela, no nosso entender, materializada por uma «tradição livresca» e consubstanciada pelo idêntico *poder-saber* da noção foucaultiana de discurso que o tema do orientalismo levanta. Tal *hiperidentidade* caracterizaria Portugal «desde pelo menos o século XVI», por ter fundado a sua «grandeza arquétipa» na auto-percepção de nação «colonizadora por excelência e de cuja glória *Os Lusíadas* são a porta e o templo inteiro» («Relato póstumo do nosso colonialismo inocente I», 1985). A questão, no fundo, que se coloca na presente comunicação é a de como um turista literário do século XXI, a viajar pelas ruínas do Império Português do Oriente, dialoga com um universo discursivo tradicional marcadamente colonial.

### PROPONENTE

**Everton V. Machado** é Investigador Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Docente dos programas de mestrado e de doutoramento em Estudos Comparatistas, Língua e Cultura Portuguesa e Cultura e Comunicação. Vice-director do Centro de Estudos Comparatistas e coordenador da equipa de investigação “Orion – Orientalismo Português (séculos XIX e XX)”. Desenvolve o projecto de investigação exploratória “The Portuguese Representations of India: Power and Knowledge in a Peripheral Orientalism (19th and 20th centuries)”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (2013-2018). Doutorou-se em Literatura Comparada na Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV em 2008, sob a orientação de Pierre Brunel. Tem no prelo pela Biblioteca Nacional de Portugal um estudo sobre o Orientalismo Português e uma edição das *Jornadas* (1873-1874) de Tomás Ribeiro. Organizador responsável do volume de ensaios *Goa portuguesa e pós-colonial:*

### **Patrimonialiser la mémoire diasporique**

#### Axe 3 – Littérature et tourisme, représentations et productions textuelles des minorités

*literatura, cultura e sociedade* (V.N. Famalicão, Húmus, 2014). Autor em França de uma edição crítica do primeiro romance de língua portuguesa da Índia, *Os Brâmanes* (1866) de Francisco Luís Gomes, já na segunda edição (*Les Brahmanes*, trad. L. de Claranges-Lucotte, Paris, Classiques Garnier, 2012, col. “Littératures du Monde”, 2016, col. “Classiques Jaunes”, formato de bolso).